

GEORGE VIDOR

Os apelos de lideranças empresariais e sindicais para que o Governo afrouxe a política econômica recessiva estão chegando um pouco atrasados. A atual política deve evoluir naturalmente para um abrandamento da recessão, através da redução das taxas de juros. Mas isto somente vai ser possível porque as previsões são de declínio da inflação, e também devido à recuperação na receita fiscal. Câmbio e tarifas públicas tendem igualmente, daqui por diante, a sofrer correções

menores, com base na expectativa de inflação em queda (tanto um quanto outro são fatores que pressionam muito os custos da economia), ainda que não seja intenção das autoridades incorrer mais uma vez no erro de segurar artificialmente os reajustes do dólar ou dos preços públicos.

Juros mais baixos livrarão o Tesouro de alguns encargos financeiros. Despesas poderão, então, ser remanejadas, e o orçamento das áreas sociais reforçado, especialmente nos programas que o ministro Marcílio Marques Moreira chama de anticíclicos (ou seja, aqueles que contribuem para atenuar o ciclo

da recessão, como o programa da habitação popular, por exemplo, ou o de recuperação de estradas).

O Governo terá ainda margem para baixar impostos, desde que obtenha, em contrapartida, uma diminuição nos preços dos produtos assim beneficiados. Essa aparente renúncia fiscal foi logo a seguir compensada por um aumento das vendas, e, em consequência, por um volume maior de entrada de impostos (não adianta manter alíquotas altas se os tributos incidem sobre produtos que não são vendidos).

O segredo do abrandamento da recessão, portanto, está na inflação declinante. Os empresá-

rios, sindicalistas e lideranças políticas abortarão esse processo se passarem a exigir que o Governo libere as comportas do Tesouro Nacional, pois isto gerará mais déficit público, que tem sido o combustível da alta de preços no Brasil.

Enganam-se os que desdenham do papel que o ministro Marcílio Marques Moreira tem desempenhado nesse processo. A economia passou por seguidas turbulências (que deixaram muitas seqüelas) e era preciso um pouco mais de serenidade no comando da política econômica para o país atravessar um período inevitável de ajustes, que, infelizmente, ainda não terminou.

O mercado financeiro foi um bom termômetro dessa mudança. O país recebeu uma enxurrada de dólares como jamais viu, ao ponto de as cotações do mercado paralelo ficarem abaixo do câmbio comercial. O Banco Central se sentiu obrigado a conter esse fluxo, para não ser obrigado a inundar de cruzeiros a economia em troca dos dólares que sobravam no mercado (o BC teve que forçar a alta das cotações, durante várias semanas, para evitar que o dólar despenhasse, o que inviabilizaria as exportações). Logo que começaram a se intensificar os rumores sobre a "fritura" do ministro Mar-

O GLOBO

cílio Marques Moreira, a entrada de dólares arrefeceu, e o mercado paralelo reagiu com uma forte alta. Não foi por acaso que o presidente da República preocupou-se em pôr o ministro a seu lado durante toda a solenidade oficial de inauguração da Linha Vermelha, no Rio, no último dia 30.

De qualquer maneira, a tentativa de "fritura" do ministro representou, sem dúvida, uma perda de alguns décimos de ponto percentual na luta contra a inflação.

George Vidor é redator e repórter especial do GLOBO

Fritura inflacionária

10 MAI 1992